

maneira a heterossexualidade não é mais o padrão de julgamento sexual e a homossexualidade floresce não mais atada aos estigmas de outrora. E agora uma questão de estilo de vida.

A transformação da intimidade diz respeito também a relação de gênero. O autor atribui a mudança observada nesta área ao trabalho da mulher na busca pela igualdade e para assegurar a democratização da vida pessoal. A mulher conquistou a sexualidade e o prazer ao passo que o homem ainda está preso a concepção da dominância masculina. Nesta situação de igualdade a maioria dos homens não se recitou diante da nova circunstância. Sua sexualidade mantém-se compulsiva e isolada das mudanças que sofreu a sexualidade feminina. Mas para Giddens não está longe de ser atingida a nova igualdade para acompanhar a mudança das mulheres, o homem precisa aprender a fazer a narrativa do seu eu ou seja saber contar a sua história emocional para ser capaz de negociar a sua vida pessoal.

O amor romântico expressou a realidade emocional e suscitou a intimidade no nascente homem moderno. Obrigou a livre escolha do parceiro conjugal, não mais assentada na propriedade mas no sentimento e assim o amor romântico libertou o vínculo conjugal dos laços de parentesco.

No lugar deste amor emerge o amor confluyente mais condizente com a atualidade. Este é ativo, contingente, por isso atrita-se com as categorias sempre e único do amor romântico. Presume igualdade da doação e envolvimento emocional. Abole as dicotomias entre atividade sexual e a *ars erotica*, a realização do prazer erótico recíproco é elemento chave na manutenção ou ruptura da união. É monogâmico enquanto for satisfatório. O amor confluyente proporciona o relacionamento puro

em detrimento do relacionamento baseado na dependência compulsiva, na obrigação da rotina, na divisão de papéis sexuais e na ausência do diálogo.

O amor confluyente proposto no livro assemelha-se nos seus ingredientes ao modelo de relação emergente apontado por Badinter<sup>4</sup> fundado na igualdade, na ternura, no diálogo e na negociação constante entre os parceiros.

A autonomia pessoal ou seja a capacidade de auto-reflexão e autodeterminação dos indivíduos para escolher e agir diante de diversas ações possíveis, o projeto reflexivo do eu, isto é, a construção emocional do passado em direção ao futuro, a sexualidade plástica, são condições básicas para a transformação da intimidade e para uma vida pessoal democratizada.

Finalizando gostaríamos de acrescentar que o preexistente que presidia as relações sociais de outrora, ao dar lugar a liberdade de escolha e de ação na modernidade, permitiu a instauração da negociação situacional. Quer dizer, cada contexto de intimidade requer uma negociação específica. Porém o autor parece desvincular cada contexto e seus respectivos atores de uma instância original de forma que vistos de uma outra perspectiva, o diálogo a negociação numa situação de intimidade somente são possíveis como diz Habermas<sup>5</sup> quando os atores envolvidos compartilham de uma intersubjetividade, isto é, de um patrimônio comum de saber.

<sup>4</sup> BADINTER Elisabeth *Um e o Outro* Rio de Janeiro Nova Fronteira 1988

<sup>5</sup> HABERMAS Jürgen *Teoria de la Accion Comunitativa* Madrid Taurus 1987

MARIA QUINTEIRO ■

## Heroína negra

### Rosa Egípcia: uma santa africana no Brasil

MOTT Luiz

Rio de Janeiro/São Paulo Editora Bertrand Brasil 1993 749 p

Em 1725 desembarca de um navio negreiro no Rio de Janeiro uma menina africana de

apenas seis anos. Em 1765 exatamente quarenta anos depois ela se encontra na terceira ponta do triângulo atlântico, presa de novo, desta vez nos Carceres Secretos do Rocío, acusada de herege e embusteira pela Santa Inquisição. Os processos inquisitoriais contra Rosa Maria Egípcia da Vera Cruz e seu co-reu, seu último proprietário e capelão, o Padre Francisco Gonçalves Lopes, de mais de 350 folhas e ainda uma coleção de 55 cartas assinadas por Rosa e Padre Francisco foram descobertos por

Luiz Mott na Torre do Tombo em Lisboa em 1993. Podemos imaginar a emoção do nosso intrepido historiador e investigador dos personagens mais vilificados da história e atualidade quando se deu conta do conteúdo dos processos repletos de detalhes sobre a trajetória mirabolante da africana que de escrava e prostituta nas Minas Gerais se tornou fundadora do Recolhimento do Parto no Rio de Janeiro: mística e visionária adorada por pobres e ricos, pretos e brancos, clero e leigos no centro urbano mais sofisticado da América Latina da época. Viva Jesus! Podemos também tentar imaginar o regozijo do futuro biógrafo de Rosa quando põe os olhos pela primeira vez na carta dirigida ao seu ex senhor Pedro Rodrigues Arvelos do seu próprio punho. Teria descoberto a evidência da primeira mulher negra a saber os segredos da escrita de toda a história. Aleluia. Cruz Credo!

Apos dez anos de pesquisa e escrita, nosso biógrafo dá a lume um barroco e caudaloso tomo sobre a vida rocambolesca de Rosa. Apos os primeiros cinco anos como pequena escrava no Rio, Rosa é vendida para a família Santa Rita Durão nas Minas Gerais. Colocada no ganho, se torna prostituta. Por volta de 1750 ela começa a mudar de vida, tendo visões extraordinárias.

Dirigida pelo Padre Francisco Lopes, ela abandona a vida de meretriz para se tornar beata e visionária. Entre uma e outra visão ela é comandada a aprender a ler e a escrever. Andando ela [Rosa] com uma crioula [Leandra] varrendo a igreja de São João Batista, viu no centro da cruz um pombo branco, muito formoso, com os pés vermelhos, unhas e bico tão luzidios que pareciam de ferro. e o dito pombo lhe disse as palavras seguintes: *Haveis de aprender a ler e escrever, que quero fazer um ninho no teu peito.*

Mas as visões não são todas tão pessoais e íntimas assim. Logo ela enfurece as autoridades eclesásticas locais com suas denúncias públicas sobre a hipocrisia de alguns dos personagens mais importantes das Minas Gerais. Como resultado, é presa, acusada de endemoniada e açoitada no pelourinho de Mariana. Mas Rosa não aceita tamanha derrota na sua carreira rumo à santidade. Procura o Bispo de Mariana que concorda em fazê-la examinar por uma comissão de peritos em satanismo. Ela vence uma horrenda prova de fogo. Rosa lançou sua língua dois ou três dedos fora da boca e debaixo dela aplicaram uma vela acesa pelo tempo que se rezasse uma *Ladainha de Nossa Senhora*, uma *Salve Rainha* e cinco Credos. e durante tudo esse tempo sua língua não experimentou dano

algum. Sempre dirigida pelo Padre Francisco, ela então prossegue no seu caminho, recebendo visões cada vez mais elaboradas. Entendendo o latim, torna-se aos poucos grande conhecedora do misticismo católico da época. Quando parte para o Rio de Janeiro em 1751, ela assume o nome da Santa Rosa Maria Egípcia da Vera Cruz. Tãmanha erudição! Segundo o nosso biógrafo Mott, esta santa era muito pouco conhecida no Brasil dos meados do século XVIII, mas Rosa Couraça certamente sabia das semelhanças entre a sua vida e a vida da santa quando adotou-lhe o nome como patrona e sua vida como paradigma. Afinal, Santa Rosa Maria Egípcia da Vera Cruz teria também sido uma prostituta que, depois de adorar a Vera Cruz em Jerusalém, se retirou ao deserto do Egito onde ficou 47 anos até ser descoberta pelo eremita do Mosteiro de São João Batista, Zozimo.

No Rio de Janeiro ela continua a sua vida de mística admirada. Torna-se personagem tão reverenciada que consegue os fundos para construir um recolhimento para jovens moças e *madalenas arrependidas*. As suas visões e profecias se tornam cada vez mais aterrorizantes. Preve, por exemplo, um dilúvio no Rio de Janeiro como castigo divino semelhante ao terremoto de Lisboa, do qual seriam salvos apenas os habitantes do Recolhimento do Parto que flutuaria como a arca de Noé em cima das águas.

Mas o sucesso de Rosa gera tanto despeito quanto admiração e em 1762 é denunciada à Santa Inquisição e presa. No ano seguinte é levada para Lisboa junto com o Padre Francisco. O processo se avoluma. Muitas antigas admiradoras depoem contra ela, apenas alguns mais corajosos insistindo na sua santidade. Em 1766 o Padre Francisco é condenado a cinco anos de degredo no couro de Castro Marim em Portugal. O processo de Rosa cai num profundo silêncio após a sua sexta interrogação pelo Inquisidor Carvalhal na Segunda Sala de Audiências no dia 4 de junho de 1765, quando foi mandada de volta para seu cárcere. So resta especular. Sem dúvida, a hipótese mais mirabolante é aquela que mais se coaduna com o espírito da biografada e sua apoteose: espera-se pelo seu biógrafo, em enredo de escola de samba, após retornar a sua cela [ ] o Menino Jesus apareceu à sua querida mãe de leite, Rosa Egípcia, e repetindo o mesmo ritual que costumava praticar quando a negra assistia no Recolhimento do Parto, penteou com esmero sua carapinha, mamou gostosamente o quanto quis nos peitos de sua mãe africana e, em sinal de agradecimento e amor filial, transportou-a para o céu. Amem. Aleluia.

*Assim termina um livro que é na própria intenção do nosso biógrafo tão maravilhoso barroco e mirabolante quanto a vida de sua protagonista*

Mas o livro de Luiz Mott é muito mais que uma biografia. É uma densíssima etnografia da vida e da mentalidade do Brasil setecentista. Com imensa erudição e paciência, nosso biógrafo não deixa passar nenhuma oportunidade de esclarecer os significados dos eventos que descreve, abrindo detalhados parenteses sobre assuntos como a atuação do Santo Ofício, os recolhimentos no Brasil colonial, o culto aos Sagrados Corações, que tiveram em Rosa sua principal vidente e propagandista na América Portuguesa, a vida familiar e a devassidão nas Minas Gerais, mas sobretudo sobre a maneira pela qual a Igreja permeava toda a estrutura social do Brasil colonial. A saída de Rosa do anonimato da escravidão para a fama e o mundo das letras só é possível porque dons carismáticos são amplamente reconhecidos pelo catolicismo da época. Mulher pobre, preta e escrava, Rosa galga notoriedade e prestígio não através dos caminhos burocráticos dos bancos escolares, estes seriam-lhe vedados por definição, mas através das suas visões mirabolantes que se tornavam cada vez mais eruditas com o intenso contato com o clero formalmente instruído. Mas a autoridade carismática é a mais tênue de todas as autoridades, simplesmente porque depende sempre da capacidade do santo manter a sua santidade aos olhos dos seus seguidores. Qualquer deslize e a santidade evanesce com muito mais rapidez que o tempo levado na sua construção. De acordo com Luiz Mott, Rosa caiu em desgraça justamente por que exagerou. Tornou-se herege e herejarca ao propalar que o Filho de Deus ia incarnar-se pela segunda vez em seu útero, que ela era esposa da Santíssima Trindade, que tinha poder de julgar vivos e mortos, que era Deus! [ ] Por mais virtuosa que fosse sua vida e mais sangrentos seus sacrifícios, não havia como absolvê-la de erros teológicos tão cabeludos. Contra o dogma não há apelação!

Não há dúvida que o charme máximo deste livro está intimamente ligado à nossa época moderna. Preocupados em resgatar a história dos esquecidos da história formal, encantamos-nos com as revelações sobre a vida dos que são as maiores vítimas das crueldades do passado e do presente, sobretudo quando estas vidas mostram um elevado grau de esperfeição, ambição e por que não sucesso material. Lendo estas estórias podemos renovar os nossos

votos de repúdio à crueldade humana por um lado e de admiração pela coragem ou estoicismo, a inteligência ou a esperteza das suas vítimas. Assim podemos afirmar nossa fé na humanidade mesmo nas situações mais degradantes. A capacidade de Rosa de sair do anonimato, de aprender os segredos do latim e da escrita, de se tornar personagem na boca de todo o povo do Rio de Janeiro setecentista, renova nossa simpatia pelas vítimas do sexismo e do racismo nos dias de hoje. É seguramente por esta razão que Luiz Mott, defensor infatigável das prostitutas, dos negros e dos homossexuais nos seus escritos e na sua vida política, é capaz de produzir um livro tão carinhoso e convincente.

No final do seu livro, Luiz Mott oferece algumas interpretações sobre a relação entre a vida de Rosa e sua qualidade de mulher e negra. Estas são, ao meu ver, um pouco contraditórias, como se o nosso biógrafo quisesse chupar cana e assoviar ao mesmo tempo. Por um lado, Luiz Mott, ao longo do seu livro, salpica o texto com sugestões de semelhanças entre o comportamento de Rosa e os modernos ferreiros de can-doble, apesar dos documentos inquisitoriais não conterem nenhuma referência a práticas africanas, por parte de Rosa. E como se uma verdadeira heroína negra não devesse ser totalmente assimilada. Assim, conclui que Rosa se comporta como uma negra crioula típica, exemplo notável do sincretismo afro-luso brasileiro, uma revolucionária negra e feminista *avant la lettre*. Por outro lado, Luiz Mott descarta a africanidade da Rosa como fator da sua ascensão ou causa da sua queda. Muito pelo contrário, argumenta que não foi por ser negra ou escrava que Rosa Egípcia foi presa pelo Santo Ofício, o humilhante tratamento dado pelos inquisidores ao capelão do Recolhimento do Parto [o Padre Francisco] comprova que o fator racial não era levado em conta quando estavam em jogo a integridade do dogma e a unidade da fé. Rosa foi vítima de seus exageros, não da sua cor. Luiz Mott reconhece que apesar dos vários elementos terríveis do sistema escravista, o pelourinho, o abuso sexual da escravaria, a cruel discriminação racial subjacente à associação da negritude com a feitiçaria e o diabolismo, não há como negar a real possibilidade de, nesta mesma sociedade desumana e racista, haver lugar para a inversão total das regras do jogo do poder, a escrava Rosa é adorada de joelhos e tem seus negros beijados por seu ex-senhor, a escrava africana espanca e expulsa das igrejas alguns brancos.

ilustres a quem julgava irreverentes ou mal comportados a negra retinta e disputada pelo alto clero colonial e saudada com o invejável título de Flor do Rio de Janeiro. Ou seja a nossa heroína se distancia dos modernos heróis negros e mulheres. Em vez de construir a sua trajetória ascendente sobre a sua particularidade étnica ou o seu gênero Rosa resolve entrar mesmo no serrado do poder galgando a sua fama através da produção de visões informadíssimas por uma erudição religiosa incomum. Ela acredita na possibilidade de adquirir prestígio na sociedade colonial brasileira

através da escrita e da religião católica ou seja assimilando-se à cultura dominante da colônia. Neste sentido Rosa seria uma espécie de anti-heroína do nosso mundo atual dominado como ele é pelo multiculturalismo. Heterossexuais e quem escreve e um deles que admiramos em Rosa a sua vontade de participar no que achava melhor da modernidade da sua época independentemente de ser nascida mulher e africana. Mas que belo livro que contém tantos dados que permitem tantas leituras! Aleluia!

PETER FRY ■

## O trabalho a domicílio em busca de identidade

### O Trabalho Invisível Estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil

ABREU, Alice Rangel de Paiva e SORJ, Bila (org.)

Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1993. 132 p.

O livro organizado por Alice Rangel de Paiva Abreu e Bila Sorj, produto da realização de um Seminário no Rio de Janeiro em junho de 1992, reúne cinco artigos sobre uma das temáticas mais instigantes do mundo do trabalho neste final de século: o trabalho a domicílio (TD). Instigante porque o capitalismo enquanto modo de produção foi capaz de organizar as sociedades através do trabalho, mas fundamentalmente através do trabalho assalariado fabril. O seu desenvolvimento propiciou uma forte segmentação entre espaço doméstico e espaço de trabalho, pelo menos aparentemente. Supunha-se na grande maioria das vezes que assim seria onde e sempre que o capitalismo fosse dominante. No entanto, a permanência do trabalho a domicílio e, hoje, seu ressurgimento sob novo formato, na esteira da transição para um novo paradigma tecnológico centrado na microeletrônica, recoloca a necessidade de pensar as categorias relevantes do mercado de trabalho e as dificuldades para

apreendê-las corretamente diante das limitações das categorias clássicas de posição na ocupação.

O primeiro artigo de autoria das organizadoras faz uma revisão da literatura sobre a natureza do trabalho a domicílio, suas raízes e mudanças nas sociedades contemporâneas. O mais interessante nesta contribuição é a evidência da ligação entre o TD e as exigências da produção. Na opinião das autoras, a compreensão da permanência do TD exige que se considere a importância das categorias de gênero e divisão sexual do trabalho. Em alguns casos, a questão étnica e a presença de imigrantes auxiliam no entendimento deste espaço produtivo. Na bibliografia disponível sobre a temática, Abreu e Sorj defendem a importância dos trabalhos feministas pela centralidade conferida às categorias de análise citadas.

Através da relação entre necessidades da produção e natureza do trabalho, as autoras evidenciam as mudanças no TD desde a consolidação do capitalismo até os dias de hoje e apontam o seu caráter diferenciado a partir dos anos 80, quando sua presença se expande pelos setores produtivos e serviços modernos da economia. Assim, pode-se dizer que a reestruturação tecnológica e industrial nos países centricos tem evidenciado a presença dos TD com um novo formato. Como citam as autoras, na Alemanha, nos anos 80, os TD foram classificados em 13 ramos industriais, passando por indústrias metalúrgicas, eletrônicas e óticas (p. 12).